

## 2

### *L'intrus*

#### Tateando uma tênue narrativa

##### 2.1

##### Uma ferida conceitual ou, A dificuldade da exatidão

Nada do que conto me é claro. Tudo está tomado por uma névoa de suspeita a fazer operar o incerto onde deveria primar a razão. Não disponho deste esteio. Assim mesmo conto. Talvez na tentativa de desanuviar o que meu silêncio segredara.

André Queiroz

Esta dificuldade vem do fato de que *todas* as questões para as quais este gênero de livro deve habitualmente pressupor respostas, (...) *todas* essas questões (para não dizer nada da própria questão) *já* nos são propostas pelos textos que devemos ler. (...) Nossos pequenos problemas de protocolo de leitura (...) eles *já* são todo o problema.

Geoffrey Bennington

Alguns termos se fazem imediatamente presentes quando se tenta ler e compreender o livro *L'intrus*, de Jean-Luc Nancy. São alguns exemplos os termos “literário”, “testemunhal”, “autobiográfico” ou “filosófico”, que compõem um amálgama diverso sobre o qual podemos levantar algumas questões. Já de início percebe-se a impossibilidade de estabelecer estes lugares, que mostram grande vulnerabilidade quanto mais se aproxima do livro.

Há algum tempo percebi que meu objeto de pesquisa não estava claro. Que intruso era aquele sobre o qual me referia? O intruso é um livro ou uma questão filosófica? O intruso é o hóspede ou o hospedeiro? Havia uma “nuvem conceitual” que pairava sobre o trabalho criando um silêncio emudecedor nas tentativas de tocar o texto de Nancy. Tornava-se, o próprio texto, um intruso. Ainda que Nancy não apresente uma elaboração fechada ou estritamente

conceitual da questão do intruso, era evidentemente necessário questionar tal indefinição. Com isto, talvez seja possível esclarecer os problemas metodológicos da pesquisa.

Pois bem, o intruso, este *outro* que se fez meu “objeto”, se confundia/me confundia ao longo da pesquisa, tornava-se furtivo às possibilidades de toque. Entendia-o de uma forma elementar, relacionando-o à ruptura identitária<sup>4</sup> bem como à ruptura de gêneros. Nesta chave de leitura, estava reproduzindo um modo bastante essencialista de abordagem, uma vez que se entende “ruptura” segundo a lógica da superação, daquilo que desfaz e desapropria uma identidade, uma teoria, uma língua, uma cultura e aponta para “novos” caminhos. Definitivamente não é disso, ou somente disso, que se trata o intruso, pois a ruptura nestes termos apontaria para uma homogeneização das diferenças, para o fechamento da abertura identitária, justamente o contrário do que sempre defendeu Nancy, engajado num pensamento que se contrapusesse à imediatez do acesso ao *outro*, e sobretudo ao *outro* enquanto “objeto”, tematizado e sistematizado.

O acesso, para Nancy, não é contato, imediatez. Qualquer tentativa de abordar o intruso deveria levar em conta que ele deve ser tocado e não tocado ao mesmo tempo. Trata-se de um modo, de uma relação, da dificuldade da abertura; da separação e da reunião concomitantemente. Nancy revela o duplo viés do intruso quando narra o estranhamento experimentado por ele, decorrente de um coração enfermo e uma saúde debilitante. Segundo o autor, a experiência física da estrangeiridade, decorrente de sua situação médica, o remeteria paradoxalmente a si mesmo. O filósofo diz:

Jusqu’ici, il était étranger à force de n’être même pas sensible, même pas présent. Désormais, il défaille, et cette étrangeté me rapporte à moi-même. [Je] suis, parce que je suis malade. (Nancy, 2000-2010, p. 17)

---

<sup>4</sup> Refiro-me aqui à tendência, neste primeiro momento, de compreensão a partir de uma noção moderna, que para nós está relacionada às idéias de ruptura com a tradição, de novo, de superação. Trata-se de uma antiga querela entre modernidade e pós-modernidade que não poderei me estender aqui. No entanto, é preciso esclarecer que aqui estou me reportando a uma “virada” investigativa e a inclinação em pensar as questões prementes do mundo de hoje, inseridas num pensamento marcadamente pós-moderno, não como um contraponto dicotômico à idéia de modernidade, mas como uma diferença de modo, de metodologia, visando novos rumos de investigação, de forma ampla e não linear.

Assim, aquela numa nuvem conceitual e o meu olhar, ofuscado pela incerteza, já definia o próprio processo de busca desse “objeto” de pesquisa. O intruso introduz-se no coração daquilo que se julga uma identidade, desmascarando uma impropriedade no seio de identificações prévias, fazendo com que haja, na suspeita, na hesitação da presença do *outro*, heterogeneidade e homogeneidade ao mesmo tempo, e não apenas aceitação da heterogeneidade, que seria mais uma forma de fechamento.

Foi muito tempo depois de escritas as primeiras linhas que li o livro *Para um pensamento úmido* (2011), de Rafael Haddock Lobo, cujo prefácio imediatamente me remeteu a esta confissão inicial sobre a pesquisa. Assim como Haddock Lobo conta que Geoffrey Bennington lhe serviu como incentivo para conduzir um livro sobre o pensamento de Jacques Derrida, por assumir a impossibilidade e o fracasso inicial inerente à pesquisa, gostaria de tomar agora suas linhas para sustentar a minha própria empreitada de conduzir uma pesquisa sobre o intruso: livro e questão. Haddock Lobo, no prefácio, conta da dificuldade em sistematizar um pensamento que se furta radicalmente à sistematização e à tematização: “a dificuldade que encontrei foi tanta que minha única opção foi assumir as dificuldades desta [sistematização] como [condições de (im)possibilidade] para a escrita destes ensaios”. Não pretendo exatamente abordar o pensamento de Nancy, ou o de Derrida, enquanto tais, mas penso que a tentativa de ler e refletir sobre o intruso também traz o problema abordado por Haddock Lobo, uma vez que se trata de um tema *intematizável*. Aqui, faz-se necessário assumir as condições de (im)possibilidade da pesquisa, pois é apenas na medida em que assumo estas condições que tão alto falaram, que posso abordar este intruso que escapa, sempre, ao pensamento e à linguagem. E esta busca não é menos importante que o fracasso prévio, mas justamente, parte do processo de lidar com o intruso.

Nancy, por sua vez, não apenas em *L'intrus* tratou das limitações do discurso crítico, da sua impossibilidade intrínseca, tendo, na verdade, sempre mantido grandes preocupações em respeitar a dificuldade da relação com os “objetos”. É o que explica o crítico B.C. Hutchens, em *Jean-Luc Nancy and the future of philosophy*. No livro, o comentador esclarece que Nancy teria promovido

um importante engajamento desconstrutivo no que tange ao modo de fazer teoria, evidenciando uma forte influência derrideana no trabalho do filósofo:

Nancy has [deconstructive] commitments wherever he addresses the limitations of questioning, the demands of theory or the requirements of a given discourse. Deconstructive approaches to the restless of sense and the undecidability of language are of interest throughout Nancy's work. (Hutchens, 2005, p.32)

É necessário ter em conta que o fato de questionar a metodologia, os fundamentos do trabalho crítico, não quer dizer que Nancy defenda fundamentalmente a impossibilidade crítica. Não se trata de uma possibilidade ou impossibilidade de tratar os objetos enquanto tais, já que estas formas dicotômicas de abordagem também causariam um fechamento radical, o que seria como uma patologia do nosso tempo, que se manifesta tanto no campo da percepção quanto da representação. Ao contrário disto, trata-se, não de frustrar-se pelo fracasso de antemão, mas de aceitar uma demanda de ir em direção ao objeto enquanto “outro”, num movimento desejante, e, respeitando sua diferença, trazê-lo mais próximo do toque. Trata-se de tirá-lo de seu fechamento identitário sem que se produza com isto uma nova clausura. Ao intruso cabe sobretudo a relação através da qual identidades nascem e vêm a ser, tocando-se e produzindo um limite tênue entre elas.

Derrida aborda, em *Le toucher* (2000) a obsessão de Nancy em fazer frente à inexatidão e à impropriedade identitária (tão comuns na crítica cultural, literária e filosófica contemporânea). As fronteiras identitárias, sejam elas subjetivas, religiosas, culturais ou sociais, têm se colocado absolutamente impalpáveis diante da homogeneização do mundo globalizado.

É portanto diante do problema do fechamento identitário, bem como da dissolução de diferenças, que Nancy resgata o termo “exatidão”. Para o filósofo, a exatidão diria respeito, não à precisão, não a um ponto originário, no qual algo se dá como uma identidade em si, mas à maneira como ali *naquele lugar* onde esta identidade acontece, ela atrita com o que a ultrapassa, para fora de si.<sup>5</sup> A exatidão

---

<sup>5</sup> Numa extensa nota da página 307, em *Le toucher*, Derrida investiga esta questão do ponto relacionada ao toque, questões que seriam análogas. Para Derrida, o toque redimensiona o paradigma do “ponto”, segundo o qual o outro permite contato ou acesso, pois uma pontualidade exata sempre se divide. Derrida diz que “il n’y a pas [le] toucher, ni [le contact] (...) ce point n’est

que persegue Nancy no seu pensamento crítico estaria condicionada a este atrito, como uma “exasperação” resultante do contato com o outro. Em *Le toucher*, Jean-Luc Nancy (2000), Derrida disserta longamente sobre o sentido da palavra exatidão na obra do autor. Diz que toda a intenção de seu trabalho, na obra crítica de 350 páginas sobre o pensamento de Nancy, é a de explicar o que ele entende por “exato” - noção que, segundo Derrida, seria tão particular a Nancy, tendo este a reinventado:

*L’exactitude*, nous y viendrons, c’est *son* mot et c’est *sa* chose. Il les a réinventés, il les a reveillés, il les a ressuscités, voilà peut-être ma thèse, en quelque sorte. Il faudrait donc expliquer, c’est peut-être la seule ambition de cet ouvrage, ce qu’il entend par *exact*. Je crois cela assez nouveau (Derrida, 2000, p.17).

Para Derrida, a luta contra a pasteurização da impossibilidade identitária seria o maior feito e a maior contribuição do trabalho de Nancy. Porém, exatidão para Nancy não seria o contrário da inexatidão, no sentido de uma propriedade *versus* uma impropriedade identitária, da abertura ou do fechamento ao *outro*. Para Derrida, a exatidão de Nancy mais diz de uma demanda constante por um limite onde uma identidade acontece, ali onde os limites parecem desesperadores para aquele que deseja uma “determinação exata”:

Au moment même où il superlative l’exactitude (“très exactement”), la surenchère hyperbolique vient caractériser, précisément, exactement, une impropriété, une inappropriabilité, quelque chose comme une inexactitude. Tout Nancy, dirait-on, signe ce geste (l’infime différence d’une lettre, *n*, entre penser et peser): ne jamais renoncer à summation d’exactitude, à la requête la plus *exacting*, *demanding*, dirait on en anglais (exigeante, astreignante, enjoignante). Cela au moment même où les limites deviennent inaccessible, contradictoires ou indécidables, apparemment désespérantes pour toute détermination exacte. (Derrida, 2000, p.89)

A ferida conceitual da pesquisa, finalmente, consiste em lidar com uma resistência, por parte de um objeto de caráter extremamente furtivo, de deixar-se delimitar duplamente - o intruso é aquele que se furta não só ao outro mas a si mesmo. O intruso destitui uma identidade, ou aquele que assim se crê, de voltar-se para si mesma e reconhecer-se como tal: “Il y a l’intrus en moi, et je deviens étranger à moi-même.” (Nancy, 2000-2010, p.31). Não se trata daquele ou daquilo

---

toujours pas un point, un lieu indivisible, un limite touchable, mais un *espacement* à jamais.” (Derrida, 2000, p. 307)

que promove o deslocamento, a abertura por si só, mas que, abrindo-se, também resiste a esta abertura.

Pois bem, o intruso, compreendemos, é um modo pelo qual uma identidade se dá, forjando-se e furtando-se a si mesma, velando-se e desvelando-se. Ao mesmo tempo, como tratar deste problema, que carrega a negação de sua existência enquanto algo que se dá, como uma presença em si e a si? Como receber este intruso, abrir-se a ele, sem requerir que seja antes identificado? Como apurá-lo sem defini-lo? Abrir-se, mas abrir-se a quê e a quem, quando abrir já supõe haver um fechamento, ou seja, uma identidade, um nome, um lugar?

A ferida conceitual seria deste modo uma ferida paradoxal, uma ferida que evidencia uma abertura, uma indistinção entre o dentro e o fora de um corpo, o dentro e o fora como limites entre o íntimo e o estranho daquilo que constituiria um sujeito, uma identidade. Diferença, ou limite este que, entretanto, não se oferece para ser examinado, tocado ou visto. Acredito, portanto, que esta “ferida” conceitual a que me refiro a respeito do objeto de pesquisa possa ser compreendida como mais um paradoxo oferecido ao leitor ao longo do texto. Um paradoxo que ilustra e incarna o problema do livro, ao restringir o estabelecimento de um lugar estável de compreensão do intruso. Afinal, o “intruso”, ou a desconfiança do intruso se introduz sempre, causando uma impressão de algo inassimilável no seio do que seria a verdade de um texto, o que fragilizaria extremamente os lugares sobre os quais a crítica estabelece suas interpretações.

### **A resistência de *L'intrus* à experiência “pura” ou mediada pela linguagem**

a cancer of the subject, whether in the ego or in the masses. To deny this on pretext of avoiding the pull of pathos is to behave like a sleep walker. To transform it into pathos, so as to be able “still” to produce art (sentiment, etc.) is unacceptable.

Philippe Lacoue-Labarthe

Gostaria de introduzir ainda uma reflexão a este preâmbulo sobre o intruso. Trata-se de uma especulação sobre a própria escrita em *L'intrus* ser uma

problematização sobre o tema da intrusão, na qual a experiência da escrita funcionaria num ténue limite representativo com o fato de haver o “outro”, este intruso abordado. Este outro parece estar longe demais para que haja “experiência” de leitura, o que requer acesso imediato, e ao mesmo tempo, perto demais para que possa ser “representado”, o que requer distância. Trata-se justamente de uma desconstrução radical da “presença”.

Neste sentido, ao tematizar a fragmentação identitária do sujeito, a intrusão intrínseca à identidade, o livro tematiza-se a si mesmo enquanto produto objetificável, enquanto “literatura”, “crítica” ou objeto de pesquisa. Ao suspender a possibilidade de acessar generalizações teóricas identitárias, conceituais ou fenomenológicas, em detrimento do outro, da diferença irreduzível do outro, o livro passa a apontar para um radical contato entre a arte e da vida, e por conseguinte, entre a literatura e a filosofia.

Trata-se de uma demanda por uma tutilidade que visa se afastar do paradigma representativo que separa a arte do campo da ética. No entanto, esta demanda pelo tátil, justamente, é algo que não se realiza enquanto tal. Para que continue existindo, a demanda necessita estar no limite entre o sensorial e o representativo. Pois se por um lado a escrita quer “experimentar” a fragmentação identitária, de si mesma e do outro, o que já seria um contrassenso, por outro, só pode assumir esta tarefa na fraqueza da noção de uma experiência corporal ou absoluta. Assim, *L'intrus* resiste fortemente ao conceito de experiência, seja ela dada através de uma “pura” experiência fenomenológica ou mediada pela representação.

É necessário contextualizar um pouco mais o livro e compreender sua inserção num ambiente crítico e criativo contemporâneo que privilegia um hibridismo na escrita. Ou seja, na medida em que o discurso contemporâneo não mais separa as fronteiras entre os gêneros, ou mesmo entre as disciplinas, aponta para um redimensionamento dos paradigmas metafísicos, epistolares da modernidade<sup>6</sup>. Acredito que este contexto muito diz do texto de Nancy, que

---

<sup>6</sup> Foucault aborda com muita clareza esta mudança de paradigma em *A arqueologia do saber*, como por exemplo no seguinte trecho: “sob as grandes continuidades do pensamento, sob as manifestações maciças e homogêneas de um espírito ou de uma mentalidade coletiva, sob o dever obstinado de uma ciência que luta apaixonadamente por existir e por se aperfeiçoar desde seu começo, sob a persistência de um gênero, de uma forma, de uma disciplina, de uma atividade

facilmente pode ser localizado numa perspectiva das artes contemporâneas bastante abordada no campo da Letras, onde muito se discute o desafio de uma experiência ética no cerne da experiência estética. Este desafio se coloca não por textos politicamente engajados e comprometidos com uma produção literária categórica, mas por textos que apresentam uma “exigência criativa”<sup>7</sup>, que vai além da militância protecionista e adquire uma maior amplitude, eticamente transformadora. Assim, este livro, que definitivamente propõe uma grande discussão em torno da cercania do outro, dos modos de acolher e tocar este outro, sem que se caia num acesso imeditado a ele, não poderia afirmar-se como literário, como um valor metafísico, nem tampouco poderia se restringir a relatar uma experiência “subjetiva” existencial.

Neste intuito, penso na importância de trazer a discussão proposta por Florencia Garramuño a respeito da relação entre o texto e a concepção de sujeito e de experiência de seu tempo. Segundo a crítica argentina, haveria uma relação indissociável entre as duas instâncias. Em “Os restos do real - literatura e experiência”, Florencia pergunta-se:

Até que ponto determinadas concepções da experiência privilegiam certas formas literárias para serem narradas e não outras? De que forma a literatura influi na construção de uma determinada concepção da experiência e, por sua vez, de que forma um determinado conceito histórico de experiência resulta em formas literárias que se adequem a esses conceitos de experiência? (Garramuño, 2011, p. 34, 35)

Tomando como base a formulação de Garramuño, *L'intrus* desestabiliza os modos convencionais e preestabelecidos de interpretação, compreendidos geralmente pela via da percepção ou da representação. Mais ainda, é um texto que desestabiliza a crença numa presença pura da experiência do sujeito ou de uma experiência mediada pela linguagem. O conceito histórico de experiência subjetiva é manifestado no próprio texto. Pois a escrita nele se apresenta, simultaneamente, como uma tentativa tanto de dissertar filosoficamente sobre a questão do intruso, quanto, ao mesmo tempo, de inscrever o intruso na “carne” do texto, de tornar, afinal, a escrita deste livro de alguma forma intrusiva e “tocante”: “*toucher* enfin - arrive tout le temps dans l'écriture.” (Nancy, 2000, p.13).

---

teórica, procura-se agora detectar a incidência das interrupções, cuja posição e natureza, são, aliás, bastante diversas” (Foucault, 2008, p. 4)

<sup>7</sup> Ver prefácio de Karl Erik Schollhammer e Heidrun Krieger Olinto em *Literatura e realidade(s)*

Nancy, no artigo “L’intrus selon Claire Denis”, dedicado ao filme de Claire Denis, baseado no seu livro, revela que para ele, *L’intrus*, concerne sobretudo a uma reflexão sobre a consciência contemporânea da identidade: “Le livre consigne seulement une brève réflexion sur ce qu’une greffe du cœur peut représenter quant à une conscience contemporaine de l’identité<sup>8</sup>” (Nancy, 2005). Anne O’Byrne, no artigo “The politics of intrusion”, também enfatiza a centralidade da questão da identidade no livro de Nancy: “he describes this experience of his body as the experience of having imposed on him, in an inescapable, incisive way, a practice of questioning identity” (O’Byrne, 2002, p.170). Trata-se, para a comentadora, de um questionamento da identidade, quando a experiência do sujeito se apresenta de forma limítrofe, uma vez que a identidade não se dá plenamente, mas como falha e inacabamento.

Dada a revelação de Nancy, segundo a qual *L’intrus* é uma reflexão sobre a fragmentária identidade contemporânea, e dada a concepção de escrita de Nancy, que problematiza a experiência do sujeito enquanto aquele que não se dá a si mesmo, e que apenas acontece num limite representativo, pode-se começar a compreender como o texto performatiza a condição do sujeito na escrita, sendo, a própria escrita, um ato de engajamento através do qual o sujeito acontece. Este questionamento encontra-se na leitura de Christopher Finsk, na qual o comentador reflete sobre possíveis modos de compreensão do livro de seu amigo pessoal “Jean-Luc”. O crítico ressalta no artigo o aspecto radicalmente furtivo sobre o qual me refiro, sendo para ele um livro que oscilaria entre o literário e o filosófico:

How shall we read *L’Intrus*? Can we take it as a philosophical meditation, or is it more testimonial and literary in character, anchored in an individual experience whose singularity requires that we suspend, or at least hold in abeyance, any theoretical generalization? Nancy’s own prior work on the fiction in philosophy, and his extensive exploration of the possibility of thinking as a singular being, suggest we seek something between these two categorizations. (Finsk, 2002, p.23)

Escrever, para Nancy, estaria também, como indica a leitura de Finsk, entre as duas possibilidades apontadas pelas vias da literatura e da filosofia, ou seja, entre

---

<sup>8</sup>O artigo, publicado inicialmente na revista virtual *Remue*, em 2005, no endereço <http://remue.net/spip.php?article679>, encontra-se atualmente fora do ar. No entanto, até a presente data, é possível encontrá-lo no site <http://missingimage.com/book/export/html/250633>. Último acesso em 6/08/2011.

o falar, dissertar sobre um corpo de sentido e incorporar este corpo construindo-o na tessitura da escrita. Escrever, para o autor, não antecipa ou pretende explicar uma forma preconcebida, pois não é significar ou representar uma fórmula, mas abrir possibilidades de criar novos sentidos, de criar corpos de sentido com o mundo. Por isso, qualquer tentativa de representação discursiva parece fraca, pois Nancy interfere no paradigma no qual construiu-se a dicotomia entre a literatura e a filosofia, entre interior e exterior, entre ser e falar sobre o ser.

### **Um testemunho (im)possível**

O testemunho de Nancy como objeto literário e como crítica filosófica se remete, de um lado, a uma tentativa de relatar uma experiência de fragilidade física por meio de uma linguagem literária (tematizando a impossibilidade de dizer-se e reconhecer-se naquela escrita) e de outro, a uma reflexão filosófica de cunho desconstrucionista. Ambas atuam no contexto de busca de um pensamento comprometido em fazer jus ao inconciliável do intruso<sup>9</sup>, ao irreduzível do íntimo, e portanto, a um coração irreduzível, de um corpo, de um texto ou de um discurso. Formulação, mais uma vez, tirada do mesmo artigo de Finsk, a quem é muito caro o tema do intruso:

A reading of this book, I would say, must assume the challenge that appears immediately after Nancy's opening definition of intrusion and his insistence on the disturbance it represents. As he says on the second page: "This is what must be thought and practiced" (Finsk, 2002, p.25)

Para refletir sobre a questão do intruso na perspectiva literário-testemunhal no livro de Nancy, tomo como base uma outra formulação de Christopher Finsk, no mesmo artigo. Nela, o crítico disserta a respeito de uma das dificuldades fundadoras da questão deste livro. *L'intrus* seria uma tentativa de construir um testemunho a respeito do "inconciliável" de uma identidade:

a personal testimony to something unreconciled. Any theoretically oriented study that failed to honor that protest would simply bypass what speaks in this book. But how do we give this testimony its due? How do we honor the irreconcilable? (Finsk, 2002, p.24)

---

<sup>9</sup> Ver "L'irreconciliable", de Christopher Finsk (2002)

Levanto a questão do testemunho para abordar, tomando as declarações de Derrida e Fink, em que consiste o paradoxo do intruso enquanto manifestação testemunhal no livro *L'intrus*. O impasse a que me refiro diz da dificuldade de traduzir o inconciliável para uma escrita que possa “representar” este inconciliável. O testemunho do inconciliável, visto sob o ângulo da representação, sempre estaria fadado ao fracasso, uma vez que o intruso seria justamente o que de um si mesmo não se representa, do que não chega, tampouco, a ser representado por aquele que se julga um si mesmo.

O testemunho de Nancy carrega uma particularidade referente a esta impossibilidade de representar-se a si mesmo. Ou seja, o acontecimento sobre o qual nele quer-se relatar apontaria para uma ausência de acontecimento, uma ausência, ou uma instabilidade relativa a si mesmo experimentada por aquele que narra. A particularidade do testemunho de Nancy se revela algo distinta daquela encontrada nos testemunhos políticos. Testemunhos estes caracterizados geralmente pelo esforço empreendido em prol de uma tentativa de relatar, com exatidão, “algo” acontecido, “algo” vivenciado pelo autor, sobrevivente a um acontecimento catastrófico. O autor do testemunho, sobrevivente de um acontecimento, sente-se então impelido a emprestar a sua voz para fazer justiça aos que se foram e não podem mais testemunhar.

O paradoxo do gênero do testemunho concerne, visando ceder lugar para que o outro fale, a uma vacilação na voz aural. No caso do testemunho de Nancy, este teria que lidar com o estranhamento de uma falta de lugar, um desconcerto, uma falta de origem.

Deflagrado este estranhamento, o relato evidencia, pouco a pouco, que a falta é um dos elementos constituintes de um si mesmo. O livro de Nancy tenta fazer juz não à morte de um grupo ou de um outro indivíduo, mas à eterna morte de um si mesmo, que na verdade nunca se deu verdadeiramente a si. Pois o estranhamento fundamental do livro diz respeito a um estranhamento identitário, a um estranhamento sem retorno a si. Nesse sentido, a voz que ali se faz presente, também empresta-se, ausente de si, para relatar a sua própria ausência.

O livro *L'intrus*, finalmente, é decorrente não só de um sentimento de não-pertencimento e não-coincidência dos “eus” que convivem num sujeito, mas

também de uma insuficiência do eu discursivo realizar-se e coincidir-se com o eu “físico”, na própria escrita. Ou seja, é a própria narrativa, no entanto, que traz a marca deste inconciliável, ao dar visibilidade ao eu discursivo em contraste com o eu físico.

O tema do inconciliável que traz *L'intrus* está presente na eterna querela entre o eu que fala e o eu do discurso em que fala. Uma querela que trata de, através do discurso, que se serve de uma linguagem literária, representar aquele sujeito que fala e recuperar uma “experiência” na linguagem. Este evento ou experiência, no caso do livro de Nancy, trata de uma experiência de fragmentação, donde o sujeito é atravessado por um “intruso” inassimilável.

A vacilação que o texto de Nancy impõe diante da necessidade de relatar uma experiência (obsessão característica do testemunho) deve-se ao fator literário na narrativa, que quebra com a lógica objetivante e instala uma dúvida no seio da narrativa. Tal é a leitura de Jacques Derrida, sobretudo aquela contida no texto intitulado “This strange institution called literature”, quando este reflete a respeito da literatura (sem entrar no mérito da sua discussão a respeito do que legitima a literatura como tal) suspender a lei e, assim, suspeitar das convenções das leis que garantem uma estabilidade ou uma veracidade factual. Derrida, em *Acts of Literature* diz: “there is no literature without a suspended relation to meaning and reference” (Derrida, 1992, p.48), acentuando o potencial intrusivo da literatura.

A hesitação revelada no relato testemunhal muito carrega de uma “intrusão” no coração do que pode ser avaliado como “próprio” a uma identidade. Segundo Derrida, ao promover uma discussão sobre a natureza do discurso testemunhal, em “Demeure: fiction et temoignage”, a palavra “talvez” é fundamental na questão do testemunho.

Derrida analisa a palavra “talvez” à luz do texto de Blanchot “L’instant de ma mort”. Texto este onde o autor pronuncia a palavra “talvez” (peut-être) diversas vezes. Segundo Derrida o “talvez” faz nascer uma vacilação na voz autoral, que seria a própria impossibilidade do eu se colocar assertivamente perante seu discurso. Mostra que nada é certo, que há a possibilidade da mentira e que nem por isso o texto diria menos da verdade do que se este se reivindicasse como documento, prova factual, histórica, de algo ocorrido.

Pois bem, primeiramente, para se pensar como ocorre esta vacilação na voz autoral em *L'intrus*, é necessário entender o que diz Nancy a esse respeito em uma das primeiras páginas do texto. Nancy já ali provoca a figura do intruso a partir de um comentário sobre o deslocamento do sujeito da enunciação com relação ao sujeito de seu enunciado. Desta forma, introduz uma desconfiança que se dá como uma intrusão no coração da noção de sujeito. Nancy diz: “J’ai (qui, [je]?, c’est précisément la question, la vieille question: quel est ce sujet de l’énonciation, toujours étranger au sujet de son énoncé, dont il est forcément l’intrus et pourtant forcément le moteur, l’embrayeur ou le coeur)” (Nancy, 2000-2010, p.13). Entende-se, com base na observação de Nancy, que o sujeito que testemunha um acontecimento não se reconhece como sujeito do enunciado que pronuncia. O eu, se é possível dizer “eu”, não se reconhece de nenhuma maneira. De modo que, uma vez que o eu fala, ao dizer-se, não se reconhece no ato em que fala.

O intruso, assim, parece parasitar o eu da enunciação. Ele aparece como uma presença fantasmagórica sempre à espreita, que se funde ao eu do enunciado e inscreve o corpo, físico, que sofre de uma doença, na escrita de Nancy. O sujeito enunciadador, presença fantasmagórica que se faz na iminência da invasão, seria, segundo o que diz a pesquisadora Nina Virginia de Araújo Leite, no artigo “A transmissão da experiência: o estranho na narrativa”, o coração do sujeito do enunciado, que, por sua vez, de próprio nada tem, não só por ter sido substituído pelo coração de um outro, mas por desde sempre carregar uma desordem, uma falha ou rachadura no seio mesmo daquilo que é, ou seja, do seu inacabamento.

Assim, *L'intrus*, enquanto um empreendimento engajado em documentar uma experiência de ausência de si, não oferece a certeza supostamente presente de um documento histórico. No entanto, justamente por não apresentar-se claro como literatura ou como relato factual, justamente por não permitir saber exatamente se trata-se de uma narrativa literária-ficcional ou de um discurso que lida essencialmente com uma verdade factual, parece que na suspensão o livro assume uma força singular. Esta suspensão, ou oscilação proporcionada pela natureza mesma do testemunho poderia, de fato, produzir um efeito de verdade que ultrapassa uma verdade puramente factual.

## 2.2

### O intruso no estrangeiro - uma possível genealogia

Accueillir l'étranger, il faut bien que ce soit  
aussi éprouver son intrusion.

Jean-Luc Nancy

Uma pequena história, bastante esclarecedora, de onde se pode tirar uma possível genealogia do livro *L'intrus*, evidencia uma demanda específica de pensar a questão do estrangeiro e portanto um contexto profundamente político em que surge o livro. Tal contexto, sobre o qual irei aqui tratar, teria influenciado Jean-Luc Nancy em duas vias que se cruzam, ou seja, teria influenciado-o quanto ao tema sobre o qual conduz a narrativa principal, bem como na reflexão filosófica que se pode considerar estar nele implícita. O tema escolhido demonstra uma necessidade de dialogar com uma determinada noção de estrangeiro que compreende a existência de um “estrangeiro” ou ainda, uma “estrangeiridade” presente em qualquer organismo que se crê uma identidade a si e para si.

Claire Denis, diretora francesa e amiga pessoal de Jean-Luc Nancy, que por sua vez, dirigiu o filme *L'intrus*, realizado como uma livre adaptação do livro de Nancy, em 2005 dá uma entrevista a Anne Busch, intitulada “Claire Denis about intrusions”. Na entrevista, a diretora conta um pouco do processo de produção do livro de Nancy. O filósofo, segundo Denis, antes de começar a escrever *L'intrus*, teria resistido por nove anos<sup>10</sup> a falar sobre a operação de transplante de coração. Nancy então escreve finalmente o livro que relata sua experiência pessoal contribuindo como parte de um projeto de Derrida sobre “l'hospitalité”, que buscava refletir sobre a questão da imigração, projeto este que teve início em 1997, narra Denis. A diretora de cinema, no depoimento, conta como foi para Nancy esta “mistura” de projetos, entre a questão dos estrangeiros e o que se passou no seu próprio corpo:

He was asked many times to write about his heart transplant and he always refused. Honestly he never told me why but I figured out that his heart transplant

<sup>10</sup> Ocorre aqui uma pequena incongruência de datas, quando Nancy, em “L'intrus” diz terem-se passado oito anos entre a operação e o seu relato.

- it was thirteen years ago - was a great success, saved his life, but not a complete success, because his body is rejecting the new heart. (...) So he was not happy to write about all this - all the pills all the time - and he had a cancer, a blood cancer because of the heart - and he refused. But then he was asked to write about immigration because Derrida had been participating to a big movement in 1997, we signed petitions for immigration, and Derrida wrote a beautiful text called »Hospitality« and he asked Nancy to be part, to write also something, and he starts the book it was to be called »L'etranger« - and suddenly he decided »L'etranger« is not the right word, it's like foreigner, like fading away, and he choses »l'Intrus«, (...) and he starts writing »L'Intrus« to speak about immigration and suddenly, maybe after one hour, he realizes it was about him and that he was writing about his heart, so he completely mixed the project... (Denis, 2005)

O texto em colaboração, que deveria tratar de questões relativas à imigração, e abordar temas como xenofobia, racismo, hospitalidade aos estrangeiros, aos direitos dos imigrantes e exilados políticos, temas que povoavam intensamente as discussões políticas na França daquele momento, passa então a se chamar *L'intrus* (uma ideia a princípio mais radical do que a que comumente se entende como estrangeiro, que geralmente se representa como sendo aquele que vem de fora). O livro narra a experiência de um exílio identitário sofrido pelo narrador, o próprio Jean-Luc Nancy, que ao colocar-se como o protagonista da história conta desde os sintomas que o levaram à necessidade de fazer um transplante de coração até os problemas enfrentados no tratamento de um câncer de sangue, adquirido após a operação.

É evidente a surpresa que causou o livro de Nancy que, de um determinado ângulo, se apresentou, também ele, como um intruso na comunidade em que estava supostamente inserido. Tal surpresa torna-se visível especialmente quando se leva em consideração o contexto e a expectativa temática que havia ao seu redor. Diferente da discussão aparentemente aguardada, o livro de Nancy abordava a questão dos estrangeiros de uma forma bastante particular.

A discussão de Nancy não seria somente peculiar em virtude do fio narrativo mais visível que se pode diagnosticar no livro ser aquele que relata uma experiência pessoal, mas porque nesta narrativa se encontra uma concepção de estrangeiro que se revela mais radical do que aquela geralmente atuante em políticas de hospitalidade.

A relação com o estrangeiro que Nancy parece aqui almejar é aquela que mantém ambas as partes como uma potencial forma de ameaça, como sempre

potencialmente “intrusa”. A seguinte citação de *L'intrus* é reveladora de uma posição que afirma a singularidade do intruso: “une fois qu’il est là, s’il reste étranger, aussi longtemps qu’il le reste, au lieu de simplement se [naturaliser], sa venue ne cesse pas: il continue a venir, et elle ne cesse pas d’être a quelque égard une intrusion” (Nancy, 2000-2010, p.12). Ao mesmo tempo que as partes mantêm-se intrusas entre si, abrem-se ao convívio, estando o intruso sempre “chegando” (“sa venue ne cesse pas”). Este processo se revela bastante diferente das políticas que acolhem o estrangeiro neutralizando-o, tornando-o, por sua vez, menos ameaçador.

Assim, o autor certamente continuava a tratar do tema inicialmente requerido. No entanto, *L'intrus* constrói um modo de abordar o estrangeiro que compreende-o como aquilo ou aquele que, da perspectiva de um “si mesmo” é sempre estranho, inassimilável, inconcebível, sem nome. As figuras do estrangeiro e do intruso estão portanto ligadas desde a sua concepção no livro. Figuras estas cujo parentesco não creio ser gratuito.

Qual a relação que faz Nancy de um intruso - compreendido a princípio como o órgão doador - com o estrangeiro sócio-cultural - motivo de grande parcela das discussões políticas da França naquele momento? Parece estar claro que Nancy faz um paralelo entre as duas questões, entrelaçando o público e o privado em uma mesma esfera de discussão. A reflexão de Nancy a respeito desta relação revela-se, pouco a pouco, como uma indagação extremamente política, na medida em que relaciona seu próprio corpo, que dá claros sinais de esgotamento, como um estrangeiro a si mesmo e diretamente vulnerável ao sentimento de uma estrangeiridade que lhe atravessa.

Anne O’Byrne, no artigo “The politics of intrusion” expõe sua intenção de trabalhar a partir da metáfora que conecta o corpo individual do contexto social, relacionando as esferas no pensamento de Nancy: “I will argue that what emerges from his account of this experience is an understanding of the body as symbolizing the social.” (O’Byrne, 2002, p.170). A comentadora ressalta que o símbolo, na filosofia de Nancy deveria ser, no entanto, tomado como algo em processo, ou seja, o corpo individual funcionando sempre em contato com o corpo social e não como “This stands for that, the body stands for the social, the heart stands for life” (O’Byrne, 2002, p.172).

Assim, o intruso de Nancy, livro e questão, se revela, na narrativa e na metáfora que agencia a relação entre o corpo e o social, como um modo de compreender e discutir questões de identidade nacional. Questões relativas ao confronto de fronteiras e das possíveis relações (em constante contato, como diz O’Byrne) e direitos estabelecidos entre aqueles que recebem e os supostos “estrangeiros”, que estão sendo recebidos.

## O intruso e a estrangeiridade

Na primeira página de *L’intrus*, Nancy estabelece uma relação entre os termos “intruso” e “estrangeiro”. Investigarei o que em tais termos estaria implicado entre si. Na declaração da primeira página, Nancy explicita que é necessário haver o intruso dentro do estrangeiro: “Il faut qu’il y ait de l’intrus dans l’étranger, sans quoi il perd son étrangeté” (Nancy, 2000-2010, p.11). Em seguida, o autor diz ser necessário pensar e praticar a intrusão, como se pensá-la e praticá-la fosse uma forma de impedir o desaparecimento do estrangeiro. Pois, uma vez que se adentra e absorve este estrangeiro, não há mais estrangeiro nem tampouco acolhida, uma vez que não há mais limites: “c’est cela qu’il s’agit de penser, et donc de pratiquer: sinon, l’étrangeté de l’étranger est resorbée avant qu’il ait franchi le seuil, il ne s’agit plus d’elle”. (Nancy, 2000-2010, p.12).

De que forma compreender a relação do intruso com o estrangeiro, do intruso *no* estrangeiro, intruso este que se faz necessário para a existência da estrangeiridade do estrangeiro, como bem enfatiza Nancy? Qual seria a relação possível para Nancy entre o estrangeiro, aquele que vem de fora, que deve ser acolhido segundo leis de hospitalidade, que sempre existiram na história do Ocidente, vide as narrativas trágicas da Grécia antiga<sup>11</sup> que relatam uma concepção de uma época; e o intruso, aquele que por definição constitui ameaça, que não se conhece a origem, que se impõe pela força infiltrando-se onde não é aguardado? Reformulando as duas questões, coloco-as agora entrelaçadas: Qual a relação entre aquele que vem de fora e aquele que infiltra-se, sem que seja desejado?

<sup>11</sup> Conforme narra e desenvolve Derrida em “Da hospitalidade”, promovendo uma longa investigação sobre a questão da hospitalidade para com o estrangeiro em uma análise sobre a figura de Édipo.

Entendo que o caminho empreendido por Nancy se delineia para mostrar que o intruso, justamente, é um elemento que, não sendo identificável, desmascara um corpo que se considera uma identidade estando no limite que separa estar fora e estar dentro, a ponto de fragilizar esta dicotomia e infiltrar-se, tanto na relação que se estabelece com um outro, socialmente compreendido, como em uma relação atravessada de si para si. Este lugar limítrofe caracterizaria a “estrangeiridade”, ou seja, o que mantém o estrangeiro como tal, irredutível à identificação, à exclusão.

Assim, o lugar limítrofe, aquilo que diria essencialmente a respeito do intruso, não é nunca uma coisa ou “outra coisa”, como diz em “Le poids d’une pensée”: “Le lieu n’est jamais autre chose, d’abord, que cette ouverture de lui-même hors de lui-même” (Nancy, 2008, p.115). A abertura da qual fala Nancy (que não se trata de uma abertura em oposição ao fechamento) aponta justamente para o lugar por onde o intruso vem a ser como um eterno estrangeiro. O intruso seria, deste modo, uma espécie de condição essencial de existência do estrangeiro enquanto estrangeiro. Nancy já cedo revela que sem o intruso, o estrangeiro perderia sua estrangeiridade.

Exato por estar intrinsecamente ligado a esta “estrangeiridade”, o intruso nunca se dá ou dará a conhecer. O intruso furta-se sempre a qualquer espécie de revelação. Nesse sentido, não haveria “o” intruso, como algo definido e tocável, manipulável, ainda que, metaforicamente, seja necessário remeter-se a ele desta forma. O estrangeiro de Nancy então mais se compreende como um intruso. Um estrangeiro que mantém-se como estrangeiro e como uma ameaça sempre quando contrastado com qualquer lugar e qualquer identidade, mesmo e, sobretudo, quando esta se julga um si mesmo. O intruso, ao mesmo tempo que uma ameaça, é aquilo que, sempre desconstruindo, faz uma identidade se dar a si mesma, e ao mesmo tempo, faltar consigo mesma enquanto identidade a si.

Diferente de um estrangeiro recebido por direito, o intruso de Nancy não é recebido ou esperado com a mesma hospitalidade obrigatória, condicionada a um direito e a um dever moral. O intruso, visto pelo lado social, desconstrói também uma identidade social, ao mesmo tempo que recoloca-a como identidade, ainda que em outros termos e em constante vulnerabilidade. Creio que o intruso, em cotejo com esta reflexão sobre o estrangeiro, estaria aí, na inassimilável

“estranheiridade” deste estrangeiro. No que não se reduz ao lugar, à propriedade, no que seria mesmo uma ameaça à propriedade.

O elemento de “estranheiridade” abala justamente a noção de próprio, causando nela uma eterna intrusão. O estrangeiro seria um intruso porque nunca conclui sua chegada como estrangeiro em terra hospedeira. Sua chegada é sempre “sans droit et sans familiarité, sans accoutumance” (Nancy, 2000-2010, p.12). Sua chegada, como diz Nancy, é sempre feita pela força ou pela surpresa, “L’intrus s’introduit de force, par surprise ou par ruse, en tout cas sans droit ni sans avoir été d’abord admis” (Nancy, 2000-2010, p.11). Abala, portanto, tanto a casa, a propriedade, quanto a expectativa a seu respeito.

A acolhida do estrangeiro, mesmo que este tenha sido recebido por lei, tem de lidar com sua eterna intrusão. Eis o desafio que propõe Nancy. O desafio do contato, do convívio com um outro. Outro, que por sua vez, se faz sempre estrangeiro ao que se julga idêntico a um si mesmo: “L’identité vide d’un [je] ne peut plus reposer dans sa simple adéquation {dans son [je = je]}” (Nancy, 2000-2010, p.39). Um contato, por conseguinte, que não exclui o estrangeiro como um elemento ameaçador, um elemento que merece o exílio social, mas um contato que tome em conta a escuta, uma relação ética atenta a este estrangeiro intruso.

Segundo Nancy, o estrangeiro, ou o tema do estrangeiro, demanda uma posição moral que não necessariamente significa que será atendida. A abertura, a acolhida, no caso, seria restrita a um dever moral. Como comenta Nancy, a correção moral causa a supressão do estrangeiro (o que inviabiliza, por sua vez, a acolhida). Esee, porém, insiste e “faz intrusão”: faz-se a si mesmo como intruso bem como provoca insistentemente uma intrusão no corpo ao qual pretende adentrar:

cette correction morale suppose qu’on reçoit l’étranger en effaçant sur le seuil son étrangeté: elle veut donc qu’on ne l’ait point reçu. Mais l’étranger insiste, et fait intrusion, c’est cela qui n’est pas facile à recevoir, ni peut-être à concevoir... (Nancy, 2000-2010, p.12)

Sobre este mesmo perigo de um “dever moral” Nancy, em *La communauté affrontée* insiste que “il faut tenir, contre une morale [altruiste] trop benoîtement récitée, à la sévérité du rapport à l’étranger dont l’étrangeté est condition stricte

d'existence et présence” (Nancy, 2001, p.19). Em outras palavras, Nancy aqui explica que o estrangeiro é recebido e na mesma medida é também anulado como estrangeiro. No entanto, ele insiste em mostrar-se irredutível, insiste em fazer intrusão, o que revela, em última instância, um estrangeiro que não se reduz a um idêntico, à família e à propriedade, valores defendidos por meio de leis de hospitalidade que não conseguem “conceber” este estrangeiro em sua constante intrusão. Pensando no que diz Nancy da necessidade de “éprouver” uma intrusão do estrangeiro, aproximo a abordagem do intruso da questão da hospitalidade aos estrangeiros. De que forma acolher, respeitando o estrangeiro? De que forma receber sua intrusão constante sem apagar sua diferença? O autor lembra que a chegada do estrangeiro, uma vez que este está em um outro território, nunca cessa de acontecer: esta chegada sempre em trânsito, que não se finaliza, é uma imagem à qual Nancy recorre para explicar o que pretende com a sua noção de estrangeiro, e de intruso.

Nancy observa o perigo de, uma vez que um estrangeiro tenha de fato chegado, este tenha de, necessariamente, ser assimilado por aquele que o recebe. Deste modo, uma chegada que nunca se efetua é uma forma de pensar em uma relação de vizinhança que respeite o estrangeiro como tal, sem atacá-lo ou assimilá-lo:

Une fois qu'il est là, s'il reste étranger, aussi longtemps qu'il le reste, au lieu de simplement se “naturaliser”, sa venue ne cesse pas: il continue a venir, e elle ne cesse pas d'être à quelque égard une intrusion (Nancy, 2000-2010, p.11).

### **Um estrangeiro anônimo - o paradoxo da hospitalidade**

Como receber um estrangeiro sem antes falar a sua língua? Sem nada saber a respeito de sua proveniência? Estas perguntas estão intrinsecamente ligadas ao tema da intrusão no estrangeiro e pelo estrangeiro, contida em *L'intrus*, conforme abordado anteriormente. Receber um desconhecido que nunca definitivamente chega, ou se finaliza tendo “de fato” chegado, como hóspede, mantendo aberta a possibilidade de uma intrusão constante no seio do que se julga próprio - eis a contradição da hospitalidade. Trata-se de um paradoxo e uma questão que serve

de mote para Derrida, na escrita de seu livro, “Da hospitalidade”. O filósofo assim formula o paradoxo:

devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós? Se ele já falasse a nossa língua, com tudo o que isso implica, se nós já compartilhássemos tudo o que se compartilha com uma língua, o estrangeiro continuaria sendo um estrangeiro e dir-se-ia, a propósito dele, em asilo e em hospitalidade? (Derrida, 2003, p.15)

O paradoxo que explica a dificuldade de abrir-se sem conhecer aquele para o qual se abre, é formulado como um paradoxo que se dá entre duas leis. Segundo Derrida, as leis da hospitalidade, que partem da necessidade de atender a uma obrigação, são confrontadas por uma outra lei. Esta última, não se pauta por critérios tão determinados, mas é, ela mesma, incondicional, não dependendo das outras leis. Derrida pensa nesta lei maior nos moldes do imperativo categórico kantiano, como uma lei que transgride todas as leis da hospitalidade:

tudo se passa como se a hospitalidade fosse o impossível: como se a lei da hospitalidade definisse essa própria impossibilidade, como se não se pudesse senão transgredi-la, como se a lei da hospitalidade absoluta, *incondicional*, hiperbólica, como se o imperativo categórico da hospitalidade, a saber, as condições, as normas, os direitos e os deveres que se impõem aos hospedeiros e hospedeiras, aos homens e às mulheres que oferecem e àqueles e àquelas que recebem a acolhida. (Derrida, 2003, p.69)

Como receber um órgão intruso dentro de casa, dentro de seu corpo, sem que se exija dele nenhuma identificação? Como receber este estrangeiro, que terá de conviver com seu completo anonimato estabelecendo uma relação que de nenhuma forma consegue se dar como familiar e que contudo deflagra familiar no sentido da demanda de laços? A imagem de Nancy em *L'intrus* dá-se como uma forma de “visualizar”, em uma primeira etapa, a questão da hospitalidade, desta vez ligada a uma política que se desenvolve no meio médico-hospitalar.

Nancy parece incorporar ao seu texto a mesma questão de Derrida. Em outras palavras, o autor, em *L'intrus*, estaria discutindo sobre como relacionar-se com aquele que chega à sua casa, deslocando-se de seu suposto lugar, sem dele exigir nenhuma identificação. O intruso abordado seria, assim, tanto aquele que

invade quanto aquele que é invadido, mantendo-se constantemente em estado de intrusão.

É preciso ter clareza de que não se trata, no caso da hospitalidade derridiana, de abarcar e acolher o estrangeiro dentro de um lugar, uma cultura, uma família ou um corpo, mas de preservá-lo na sua diferença, na sua inacessibilidade, de receber a disparidade, acolher o desconhecido na sua diferença e saber respeitar o que não se pode tocar de um corpo. Tal concepção, creio, se aproxima fortemente do que aponta Nancy em *L'intrus*.

Nancy faz com que o paradoxo da hospitalidade atue ao longo de todo o texto, como um paradoxo essencial que compõe a escrita. O tema da hospitalidade, neste livro, faz-se presente especialmente no modo como acolher um desconhecido. O autor lança, então, algumas especulações a esse respeito, que mostram o desejo de construir um rosto para o intruso anônimo, como por exemplo “mon coeur peut être un coeur de femme noire” (Nancy, 2000-2010, p.30). Muito rápido, diz Nancy, o outro mostra-se insubstituível e irreduzível a estes possíveis rostos. Desta forma, o convívio com o desconhecido órgão abre para uma série de questionamentos a respeito da prática de uma hospitalidade incondicional, termo forjado por Derrida para aludir a uma outra relação com o estrangeiro.

### **A responsabilidade da hospitalidade**

O dever, ou a responsabilidade da hospitalidade de que diz Nancy, contrapõe-se a uma postura de clausura que não propriamente estaria oferecendo hospitalidade. A noção de hospitalidade distingue, assim, a responsabilidade da obrigação: recebe-se o outro pelo dever de recebê-lo, e não por se se engajar numa abertura de “si” e acolhida do “outro”. A responsabilidade da hospitalidade encontra-se intrinsecamente relacionada à abertura e ao deixar-se receber a intrusão. Como trata Christopher Fink:

A responsive thought of the notion of intrusion (which is necessarily an opening to intrusion) demands a practice that takes upon itself the irreducible discomfort, even the dispossession that comes with the advent of the strange. (Fink, 2002, p.25)

O intruso como estrangeiro, tomado no âmbito de uma obrigação para com a hospitalidade seria, segundo Nancy “un exemple remarquable du *politically correct*” (Nancy, 2000-2010, p.12). Nancy assim o diz para explicar o sentimento geralmente compartilhado de uma certa obrigação da doação de órgãos, e por extensão, aborda, do mesmo modo, uma obrigação para com a hospitalidade. Considerado a princípio como um dever moral, o dever da hospitalidade condiciona-se a uma acolhida regulada por critérios identitários, que, ao reconhecer o estrangeiro (e demandar dele que se identifique), o assimila e familiariza.

A hospitalidade, compreendida segundo o princípio da responsabilidade, demonstraria uma incapacidade de lidar com o estrangeiro em sua “estrangeiridade”, ou seja, com o estrangeiro como intruso, como absolutamente outro. No âmbito de leitura derridiano, a incapacidade, e o desconforto que causa a chegada de um estrangeiro, apontaria para um impasse tácito entre as leis da hospitalidade.

Tal impasse, entre o engajamento e o dever poderia se associar à relação entre os doadores e receptores de órgãos. Assim, “transferindo” um pensamento ao outro, tomo a discussão de Derrida sobre as duas formas de leis da hospitalidade para fazer uma contrapartida com o que oferece *L'intrus*, de forma análoga, no contexto dos doadores e receptores de órgãos. No livro de Nancy, o dever, ou a obrigação da hospitalidade poderia ser contrastado com o “dom” da hospitalidade, ou seja, uma dádiva que desde sempre ofereceria abrigo e abertura sem nada esperar.

No contexto da hospitalidade, o oferecimento de si seria algo incorruptível e incondicional, como a lei das leis de que fala Derrida. Este paradoxo, contido no processo de abertura aos estrangeiros, é formulado em *L'intrus* da seguinte maneira: nul ne peut douter que ce don soit devenu une obligation élémentaire de l'humanité (Nancy, 2000-2010, p.30). Os doadores, seja pela opção ainda em vida, ou pela decisão representada na figura dos parentes, sentiriam um dever de hospitalidade para com aqueles que necessitam receber um órgão, podendo salvar assim uma vida. Um dever baseado na crença de que, doando-se um órgão estaria dignificando-se a morte e dando continuidade à vida.

Nancy relaciona a solidariedade dos doadores a uma tácita obrigação contida na ideia de acolher um estrangeiro:

On a beaucoup mis l'accent sur une solidarité, voire sur une fraternité, entre les "donneurs" et les receveurs, dans le but d'inciter au don d'organes. Et nul ne peut douter que ce don soit devenu une obligation élémentaire de l'humanité (Nancy, 2000-2010, p.29)

Essa "obrigação fundamental da humanidade" teria contribuído para uma atitude geral de naturalização por parte daqueles que sofrem um transplante, como se a humanidade houvesse naturalizado a obrigação relativa à doação de órgãos.

Nancy fala dessa naturalização em termos de representação, como se a representação do transplante tivesse tornado-o mais "natural": "il y a déjà une histoire des représentations de la greffe" (Nancy, 2000, p.29). Assim, Nancy constrói a imagem do transplante de coração como uma operação de hospitalidade que estaria também sujeita a um mecanismo de capitulação e apropriação do outro.

A relação tênue de vizinhança, de contato com o estrangeiro, no entanto, desapareceria segundo Nancy da consciência dos transplantados, sem que se faça juz a essa necessária forma de hospitalidade. Nancy diz: "toute la symbolique douteuse du don de l'autre et moi, s'effrite très vite; il semble d'ailleurs que son usage, encore répandu lorsque je fus greffé, disparaisse peu à peu des consciences des greffés" (Nancy, 2000-2010, p.29).

## 2.3

### Um intruso na intimidade

Quelle est cette vie "propre" qu'il s'agit de "sauver"?

Jean-Luc Nancy

É consenso na recepção crítica do livro *L'intrus* compreendê-lo como uma reflexão a respeito do "eu", ou da falência do "eu" como sujeito idêntico a si. O tema do "eu" ou da identidade, entendendo-a a partir da filosofia cartesiana, ou seja, do sujeito que, racionalmente, se percebe enquanto indivíduo, se construiria,

segundo os autores que aqui mencionarei, como uma questão que persiste, ainda que fragilizada, do início ao fim do relato.

Trabalhos como os de Christopher Finsk, Philip Adamek e Anne O’Byrne, embora sob ângulos diferentes, carregam em comum o fato de discutirem a extenuante permanência da questão do sujeito como algo que ultrapassa as noções de “íntimo” ou “próprio”. Em outras palavras, os comentadores discutem a permanência, ao longo do texto de Nancy, da questão do sujeito como aquele que supostamente, segundo a tradição, teria de dar-se a si mesmo, mas que à luz do livro e da perspectiva filosófica abordada, nunca se realiza enquanto tal. Esta investigação, que relaciona o intruso à um sujeito que estranha a si mesmo e perdura, apesar das experiências de provações mais extremas (narradas detalhadamente no segundo posfácio ao livro escrito em 2010), permanece uma intrincada discussão.

A noção de uma perda, ou de um estranhamento relativo à identidade, que passa a ser questionada em sua “propriedade” é especialmente compartilhada por Christopher Finsk na edição especial dedicada ao livro de Nancy na *New Centennial Review*. Segundo Finsk:

[L’intrus] testifies to far more extreme trials than I knew, to be sure. But I think it may be understood to turn, at least in part, on the enigma on the survival of the self – the strange survival of a “proper” self that remains or endures through the most extreme experiences. (Finsk, 2002, p.28)

Philip Adamek, também, de um modo particularmente interessado na contribuição do livro de Nancy como uma forma de compreender a condição da subjetividade contemporânea, no artigo “The intimacy of Jean-Luc Nancy’s *L’intrus*”, dedica grande parte de sua investigação a compreender a questão do “íntimo”. Tomado em sua complexidade, o íntimo é visto como algo que não se realiza verdadeiramente como algo familiar.

Para Adamek, a palavra “intimidade” está sempre relacionada ao que é próprio, e, portanto, toca em pontos relativos ao que seria o negativo deste próprio, ou seja, intruso ou estrangeiro. No entanto, parece que isso que seria o íntimo e o fora deste íntimo se dá com maior complexidade no intruso de Nancy. Adamek interessa-se por investigar como o texto desconstrói a noção de um íntimo tomado como familiar e idêntico:

“Intimacy” [*l’intimité*] touches, as does so much in Nancy’s text, on questions of the intruder [*l’intrus*] or foreigner/stranger/strangeness [*l’étranger/l’étrangeté*], and of what is proper. Intimacy has always, in one of its senses, related to the proper, where this implies something’s essential or intrinsic (Adamek, 2002, p.191)

Anne O’Byrne, que também contribui com uma excelente análise na edição dedicada ao livro de Nancy pela *New Centennial Review*, fundamenta sua análise de modo similar a Finsk e Adamek. A autora visa entender como a noção de identidade apenas pode ser concebida como tal uma vez que esta se expõe ao estrangeiro, contagiando-se e construindo-se a partir desse contato. A comentadora indaga: “Without exposure to foreignness, how are we to renew the question of our own identity? How are we to be reminded that it is indeed a question? How are we to be made aware of our own foreignness?” (O’Byrne, 2002, p.169)

Em suma, *L’intrus* prestaria-se especialmente a uma reflexão sobre a condição do sujeito contemporâneo. Condição daquele que, em constante estado de vulnerabilidade, estando sempre em contato com o que não lhe pertence, com o mundo, com outros seres, e mesmo com o que de si mesmo não se assimila, define ou molda sua existência através da sua própria exposição, sendo, para ele mesmo, uma espécie de intruso. O intruso de *L’intrus* construiria-se num movimento baseado na ameaça de invadir e de ser invadido por aquilo que ameaça uma propriedade, uma identidade. Em outras palavras, ainda que o intruso, para que possa manter-se intruso, não invada, literalmente, um organismo, apropriando-se dele, é, contudo, na ameaça ou na iminência da chegada deste intruso que uma identidade pode ser concebida.

A “invasão” do intruso em um organismo “próprio” ocorre sempre no limite daquilo que constitui uma identidade, e nunca verdadeiramente como uma penetração naquilo que se considera um íntimo ou próprio no organismo. Esta relação intrusiva constituinte da identidade está muito próxima daquilo que diz Nancy do movimento que se dá entre os corpos, onde não há o que se caracteriza como uma “penetração”:

Jamais un corps ne “pénètre” l’ouverture d’un autre corps *sauf en le tuant* (...) Mais un corps “dans” un corps, “ego” dans “ego”, ça n’“ouvre” rien: c’est à *même* l’ouvert que le corps est déjà, infiniment, plus qu’originellement; c’est à

même ça qu'a lieu cette traverse sans penetration, cette mêlée sans mélange.  
(Nancy, 2000, p.27 e 28)

A intimidade ou a propriedade, deste modo, segundo Nancy, não é dada pela identificação e assimilação do outro ou pela destruição desta diferença que constitui, em tese, o princípio de uma identidade, mas constrói-se naquilo que acontece no limite do contato com o fora de si, na travessia sem penetração, como diz Nancy, ou em uma espécie de turbulência sem mistura.

### **Estrangeiro a si mesmo**

Je n'ai plus un intrus en moi, je le suis  
devenu.

Jean-Luc Nancy

L'étranger te permet d'être toi-même, en  
faisant, de toi, un étranger

Edmond Jabès

A discussão desenvolvida pelos comentadores do livro de Nancy, a respeito do seu interesse em entender, nesta obra, como a noção do próprio é permeada por uma impropriedade a ela intrínseca (ou ainda, como o sujeito é ultrapassado naquilo que lhe seria considerado íntimo), pode ser lida como um modo de compreender o segundo tipo de estranhamento e, conseqüentemente uma outra forma de ver o intruso. Como explica o filósofo, este outro de si mesmo como estrangeiro “le rend donc étranger à lui-même, à cette identité immunitaire qui est un peu sa signature physiologique.” (Nancy, 2000-2010, p. 31).

Nancy irá ressaltar, em *L'intrus*, dois níveis de estrangeiridade, cujo convívio faz-se evidentemente inseparável ao longo da narrativa. A primeira, referente ao coração transplantado, que o organismo identifica e ataca; a segunda, ao estado de fragilidade que a medicina instaura ao paciente para abaixar suas próprias defesas, tornando-o estranho a si mesmo.

Trata-se de um estranhamento diferente daquele que identifica e ataca um estrangeiro como quem vem de fora, um estrangeiro que representa uma outra cultura, outra linguagem, um outro mundo de referências. Trata-se de um estranhamento, agora, relativo a um estado de fragilidade imunológica que a

medicina impõe ao transplantado para poder abaixar a sua imunidade, e assim, garantir a sua sobrevivência.

A sobrevivência é colocada em risco uma vez que o doente, ao entrar em contato com o órgão que nele foi transplantado, reage a ele como um intruso ameaçador dentro de seu organismo. Tenta então dele proteger-se produzindo defesas, reações químicas contra o intruso. Defesas que, por sua vez, o fragilizam e põem em risco sua própria vida.

O que temos agora não é mais o risco da morte, da extinção da vida, mas um novo modo de vida, que tangencia constantemente a morte. Ser um morto-vivo, eis o estranhamento, uma das figuras do intruso. Tal é o modo com o qual Nancy se intitula, dado pelo seu filho mais novo: “Je deviens comme un androïde de science-fiction, ou bien un mort-vivant, comme le dit un jour mon dernier fils” (Nancy, 2000-2010, p.43). O autor-personagem do livro seria, nesse aspecto, forçado a conviver com a própria morte.

Uma vez que o “próprio” coração falhou, fez uma pausa e teve de ser substituído por um outro coração doado, isso dá ao autor e personagem do livro uma estranha possibilidade de representar a própria morte. Segundo Nancy: “un étrange suspens de jugement me fait me représenter mourir, sans révolte, sans attrait non plus...” (Nancy, 2000-2010, p.19). Assim, o estrangeiro não é tão somente representado pelo novo coração, mas por uma invasão dele para com ele mesmo, que tem de conviver com o estranhamento de si mesmo ao representar sua própria morte em vida. Sendo essa morte ou essa perda de si uma das formas de compreender o intruso que faz intrusão na sua vida:

*l'étranger multiple qui fait intrusion dans ma vie (ma mince vie essoufflée, parfois glissant dans le malaise au bord d'un abandon seulement étonné) n'est autre que la mort, ou plutôt la vie/la mort: une suspension du continuum d'être, une scansion où “je” n'a/ai pas grand-chose à faire. (Nancy, 2000-2010, p.25)*

O segundo estranhamento do qual fala Nancy diz respeito ao transplantado de coração tornar-se um estrangeiro a si mesmo, uma vez que entra em contato com a própria morte. Constrói-se então com o estrangeiro e enquanto estrangeiro. Este estranhamento parece decorrer não somente da condição de ser um transplantado de coração e conviver com um órgão estrangeiro, mas sobretudo, agora, do fato de haver substituído o seu próprio coração.

Tal substituição induz a uma série de indagações a respeito da possibilidade de existência de qualquer unidade, propriedade ou origem característica de um si mesmo, bem como do que seria o próprio de si mesmo: “si mon propre coeur me lâchait, jusqu’où était-il le “mien”, et mon “propre” organe?” (Nancy, 2000-2010, p.15).

O órgão substituído, por sua vez, é aquilo que induz um processo maior de estranhamento para consigo mesmo. Estranhamento este que, no entanto, não se reduz simplesmente ao órgão estrangeiro. Mais adiante acrescenta Nancy que este “eu” na verdade já não estava presente nele, sempre veio de outro lugar: “un coeur qui ne bat qu’à moitié n’est qu’à moitié mon coeur. Je n’étais déjà plus en moi. Je viens déjà d’ailleurs, ou bien je ne viens plus” (Nancy, 2000-2010, p.17). Esta outra perspectiva do estranhamento, como disse Nancy, se deve à necessidade de abaixar a imunidade do paciente para que este possa conviver com o estrangeiro, representado no livro pelo coração transplantado, estranhamento relativo a um si mesmo que não se reconhece.

É evidente que a noção de um estrangeiro para si mesmo, de um ser vulnerável imunologicamente, coloca em cheque a própria noção da identidade, que fragilizada, deixa-se necessariamente contaminar por aquele que vem de fora, o que torna mais complexa a determinação de uma identidade. Tal relação de estranhamento identitário é explicitada pelo autor nas seguintes palavras:

Il y a l’intrus en moi, et je deviens étranger à moi-même. Si un rejet est très fort, il faut me traiter pour me faire resister aux defenses humaines (cela se fait avec une immunoglobuline issue du lapin et destinée à cet usage “anti-humain”, ainsi qu’il est spécifié sur sa notice, et don’t je me rapelle les effets surprenants, de tremblements presque convulsifs) (Nancy, 2000-2010, p.31).

O exemplo claro de uma consequência provocada pela defesa do sistema imunológico é o câncer, resultado de um aumento exacerbado das defesas humanas contra um elemento invasor. O filósofo, no caso, contraiu, oito anos depois, um câncer de sangue em decorrência de uma série de experiências físicas que atacaram seu sistema imunológico, como irá explicar: “arrive encore le cancer: un lymphome, dont jamais je n’avais remarqué que l’éventualité (certes pas a nécessité: peu de greffés y passent) était signalée dans la notice imprimée de

la ciclosporine. Il provient de l'abaissement immunitaire (Nancy, 2000-2010, p.37).

Os médicos precisam encontrar uma forma de abaixar as defesas de um corpo que se protege contra um órgão estrangeiro nele instalado. É necessário, dizendo-o de outra forma, fazê-lo “resistir às defesas humanas”, pois essas defesas, paradoxalmente, podem causar a morte do próprio corpo que tenta resistir a um corpo intruso que o enfraquece. A forma que encontram os médicos de fragilizar as defesas é induzida através dos chamados imuno-depressores que atuam enfraquecendo as defesas do organismo. Mais precisamente, conta Nancy, através de um imuno-depressor chamado “imunoglobulina” tirada do coelho.

A vulnerabilidade que passa a fazer parte da vida do paciente, como consequência de todo um quadro de debilidade física, deflagra um tipo de intruso imunológico, que corrói as defesas de um corpo, um estranhamento que se dá de um si mesmo para consigo mesmo. O estrangeiro, no caso, não pode mais ser compreendido como aquele que está de fora, mas como aquele que se dá como uma falha, um estrangeiro dentro de um mesmo corpo, de um mesmo organismo.

Tal mudança de perspectiva não deve ser lida como uma simples inversão do social para o subjetivo, relativa a uma estrangeiridade que vem de dentro, pois se trata de um limite enfrentado por ambas as perspectivas: tanto a social quanto a subjetiva. O limite entre as duas pode ser verificado na sugestão de Nancy em *L'intrus*: “L'étrangeté ne devait venir du dehors que pour avoir d'abord surgi du dedans” (Nancy, 2000-2010, p.17). O estranhamento é limítrofe. Nasce justamente de uma impossibilidade de delimitar um si mesmo como uma origem, vinda “de fora” ou “de dentro”. O intruso sempre escapa a uma identificação.

Assim, não apenas os imuno-depressores representados pela imunoglobulina acusam aquilo que detona um intruso dentro de si. Toda a situação médica na qual se encontra o paciente serve para compreender a fragilidade e a falta de percepção de si mesmo por ele enfrentada. Essas experiências fragilizadoras remetem ao sofrimento causado por um coração enfermo, pelo câncer de sangue adquirido após a operação de troca de coração e pelos procedimentos médicos aos quais o autor teve de submeter-se. Nancy resume-se na definição “Je suis ouvert-fermé” (Nancy, 2000-2010, p.35). Todo o movimento que a medicina faz em seu corpo torna-se um

flux incessant d'étrangeté: les médicaments immuno-dépresseurs, les autres médicaments chargés de combattre certains effets dits secondaires, les effets qu'on ne sait pas combattre (comme la dégradation des reins), les contrôles renouvelés, toute l'existence mise sur un nouveau registre, balayée de part en part. La vie scanée et reportée sur de multiples registres dont chacun inscrit d'autres possibilités de mort. C'est donc ainsi moi-même qui deviens mon intrus, de toutes ces manières accumulées et opposées. (Nancy, 2000-2010, p. 35, 36)

No segundo posfácio escrito para a edição de 2010 do livro *L'intrus*, Nancy narra mais detalhadamente as experiências fragilizantes. Conta que seu quadril esquerdo havia sido consertado com parafusos após um antigo acidente. Com o tempo, uma prótese se tornou necessária e depois da introdução do aço de titânio no osso, o seu coração, que ele sempre chamou de "seu", fez uma pausa. As experiências radicais narradas por Nancy e que constituem este estado de vulnerabilidade são várias. Trata-se inicialmente, de uma tentativa mal-sucedida de nele colocar um marca passo no coração, acarretando uma infecção bacteriana local e uma virulenta endocardite. É então necessário retirar o *pacemaker*, marcapasso. Durante o tratamento da infecção o coração é ajudado por um produto administrado por perfusão. Depois do tratamento para combater a infecção, foi ainda submetido a uma série de dificuldades causadas pelo próprio transplante e pelo pós-operatório. Por fim, enfrenta uma luta diária contra um câncer sanguíneo, luta combatida com os já referidos imuno-depressores necessários para o tratamento.

As experiências agravaram o sentimento de não pertencimento e não coincidência consigo mesmo, como revela Nancy no mesmo posfácio de 2010: "L'intrus me donne une perception plus déliée de cet assemblage qui fait [moi]" (Nancy, 2000-2010, p.51). A intimidade do sujeito teria sido abalada quando este sujeito que enuncia não reconhece o seu corpo como "próprio". O sujeito enunciador carrega um coração doado, um coração, portanto que substituiu o seu quando este teria sido "programmé pour durer jusqu'à cinquante ans" (Nancy, 2000-2010, p.22).

Nancy associa a vulnerabilidade despertada pelo seu coração enfermo ao estado perpétuo de desapropriação do sujeito. O seu corpo apontaria desde sempre para a falência de uma estrutura interna, de uma programação. A sensação é de uma ausência generalizada de si mesmo: "Mais quel est ce programme dont je ne

peux faire ni destin ni providente? Ce n'est qu'une courte séquence programmatique dans une absence générale de programmation" (Nancy, 2000-2010, p.22).

O coração enfermo, que mais tarde será substituído por outro, é o detonador de um intruso irrastrável dentro de si, um símbolo que promove o contato da continuidade com a descontinuidade:

Il me devenait étranger, il faisait intrusion par réjection, sinon par déjection. J'avais ce coeur au bord des lèvres, comme une nourriture impropre. Quelque chose d'un haut-le-coeur, mais en douceur. Un doux glissement me separait de moi-même" (Nancy, 2000, p.16).

Uma vez que realizada a operação, tem sequência uma nova série de acontecimentos provenientes da rejeição de seu sistema imunológico ao órgão transplantado, culminando num câncer de sangue. Novamente o indício, o sinal de que o intruso é aquele que está dentro, que está (ou quer estar) em estado de superfície.

A respeito do bombardeio constante de novas técnicas e procedimentos médicos do mundo exterior, Nancy diz em contrapartida: "Les ennemis les plus vifs sont à l'intérieur: les vieux virus tapis depuis toujours dans l'ombre de l'immunité, les intrus de toujours, puisqu'il y en a toujours eu" (Nancy, 2000, p.33). O autor acentua que haveria uma técnica introduzida no próprio coração e no coração do próprio,<sup>12</sup> como uma falência na genealogia mesma de qualquer identidade. O intruso não é outro senão ele mesmo, não se remete a ninguém mais além dele mesmo. No entanto, o retorno deste "mesmo" partirá sempre de um outro lugar; o *mesmo* não coincide, é constantemente inacabado.

---

<sup>12</sup> No artigo *Levinás e Derrida: pontos de não-contato*, Fernanda Bernardo explica essa questão que reúne o coração do próprio ao próprio do coração. Segundo Bernardo: "uma ferida que não é senão a da própria diferença, da diferença singularizante no "coração" do "eu" – como o próprio "coração" do "eu": a ferida da sua auto-interrupção e da sua ex-apropriação arqui-originárias: uma ferida (...) Como, ainda em *Le toucher Jean Luc Nancy*, Derrida dirá: [o próprio coração é o lugar onde, em todos os sentidos do termo, o próprio se ex-apropria, no próprio instante em que sou invisivelmente tocado pelo outro, sem reapropriação possível]" (Estrada, 2008, p.189, 190)